

A paranóia do soberano: uma incursão na alma da política

Valton de Miranda Leitão

Editora Vozes, 1999

A análise a esse livro instigante cobra, de início, duas palavras sobre seu autor: Valton não é mais um psicanalista, dentre tantos, a intervir analiticamente na política; é um militante político, destacado quadro da esquerda socialista brasileira, é um cientista político de rara formação humanística e clara influência marxista que afinal opta pelo estudo da alma (quase escrevi angústia) humana, esse oceano profundíssimo e céu infinito de surpresas e lições.

A paranóia do soberano, sendo o resumo da experiência clínica de um político, é a visão politizada da psicanálise; o encontro da psicanálise com a ciência política num esforço notável para a compreensão da tragédia moderna: o fracasso da política, o fracasso de nossa civilização, a crise da racionalidade, a morte da alma ocidental. São palavras suas:

“O presente trabalho somente se concretizou porque meus pacientes psiquiátricos e psicanalíticos sempre tiveram uma grande tolerância com minha atuação política. Por outro lado, os militantes da esquerda socialista entraram no debate político-psicológico que lancei através de seminários e conferências, colocados numa posição crítica muito valiosa. O exame das interferências emocionais dos desejos e das paixões no processo político não é usual na teoria e tampouco na prática, causando sempre uma certa es-

tranheza e um sentimento de intromissão indébita. Isto é ainda mais evidente quando uma tese como a da existência de um motor paranóico consubstancial ao processo político surge como novidade, vinda da psiquiatria e da psicanálise para explicar certas anomalias do fenômeno sociopolítico”.

Daí a ‘loucura’ que nos aflige a todos, mas aflige principalmente os que se envolvem com o poder, com a conquista do poder, com a conservação do poder, o poder-Deus, onipotente, salvador, o poder fim, o poder meio, o poder-razão-do-poder. O poder condenação, pena sem *sursis*, porque o homem está condenado à liberdade (mais precisamente: condenado a lutar pela liberdade) e à busca do poder, que o escraviza.

Escafandrista da dor – e dor humana é uma tautologia –, o cientista político trabalha com o conceito de comportamento paranóide para identificar aqueles gestos, aquelas condutas, aquelas vidas que, para o bem e para o mal – o julgamento há-de fazê-lo a história dos vencedores – transformam a vida e o mundo. O suicídio de Getúlio (eis personagem que nos apaixona) é uma arquitetura racional e lúcida que não guarda qualquer concerto com o gesto do Otelo desesperado em face de uma Desdêmona cuja inocência só tardiamente romperia com a loucura

do mouro. É possível imaginar mais racionalidade – e uso o termo em oposição livre a paranóia – do que no gesto moral de Antígona a cobrar e dar sepultura a Etéocles, restituindo-lhe o direito a repouso no Hades, mas condenando-se à morte? Loucura pode ter sido o gesto metuculoso de construção do III Reich, embora o holocausto e o extermínio nos campos de concentração dependessem, para o êxito, de muita racionalidade. Onde residia a paranóia estalinista? Na resistência ao invasor nazista, contra toda lógica da guerra, ou no exercício diário, contínuo da tirania, nos tempos de ‘paz’? Que havia sido feito de nossa racionalidade – da racionalidade nossa de marxistas (e o marxista é por definição um racionalista) – quando não tínhamos/não tivemos olhos para ver o que, em nome do mais libertário dos humanismos – o socialismo –, se estava fazendo contra os direitos humanos no Leste europeu?

A explicação parece simples: na medida em que ignorávamos (ou negávamos?) a realidade, não nos sentíamos por ela responsáveis.

Valton se debruça sobre a realidade brasileira e nela intervém como anatomista implacável, dissecando, para o espanto de nossa racionalidade, a loucura-eixo-motor de nossa história, severina: há um concerto de perversidade explicando o crime monstruoso da exclusão social, e a paranóia não é atenuante para nossas elites, desde sempre anti-povo e anti-nação. É mais fácil absolver a ‘loucura’ do Con-

selheiro do que a racionalidade do latifúndio que punha em seu encaço as forças disciplinadas do exército; havia menos loucura nos seus famélicos sem-terra – desesperados e deserdados desde sempre – do que nas tropas republicanas e seus generais positivistas.

O que é loucura e normalidade na política, se a política, se a opção política é, por si, por definição, uma escolha que implica obsessão, impõe a construção de uma nova tábua de valores, uma deontologia autônoma em face da ética, uma teleologia despartada de quaisquer compromissos que não digam respeito ao êxito, ao sucesso, à vitória? Porque o poder é a única justificativa do poder.

Maquiavel antes de Freud.

Desmistificados, convivem conosco, em *A paranóia do soberano*, os personagens de nossa história recente, iluminados por um novo foco de abordagem, absolutamente original e revelador, proporcionado pelo encontro de Maquiavel, Marx e Freud, contribuindo para a compreensão desse maravilhoso invento que é a vida-loucura humana. Não se trata, portanto, o livro de Valton Miranda Leitão, de obra de um psicanalista, nem se destina ao seu público estrito. Temos em mão, e é exatamente isto o que desejamos destacar nesta resenha, obra multi-disciplinar que só poderia ser escrita por um cientista político com formação e clínica analítica. Precisa de ser lida por todos aqueles que desejam compreender a realidade para mudá-la, amanhã, se possível.

Roberto Amaral

Escritor, professor da PUC-Rio, do Instituto dos Advogados do Brasil, editor de *C&F*.